Opinião do GLOBO

Queda no IDH reflete o descaso da classe política

Congresso tem sido incapaz de adotar programa consistente nas áreas críticas para o desenvolvimento humano

Inspirado nas ideias do Prêmio Nobel de Economia Amartya Sen, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado para ampliar o entendimento sobre bem-estar. Em vez de atrelar a avaliação de um país apenas à dimensão econômica, com ênfase no PIB *per capita*, o conceito incorpora estatísticas sobre educação e saúde. O objetivo é ambicioso: medir as condições de os cidadãos conquistarem a capacidade e a oportunidade para ser o que quiserem ser. Os dados sobre o IDH, divulgados anualmente pelas Nações Unidas, fornecem uma oportunidade para políticos no Executivo e no Legislativo refletirem sobre o passado e as prioridades para o futuro.

Os resultados de 2022, último ano do governo Jair Bolsonaro, deveriam motivar um pacto para elevar de forma significativa o desenvolvimento humano no Brasil. A meta deveria ser, no mínimo, atingir o patamar de desenvolvimento classificado como "muito alto", já alcançado por países como Argentina, Chile e Uruguai. O Brasil, 89º colocado no ranking do IDH, está 20 posições abaixo do necessário para integrar esse grupo. Na América do Sul, ainda continua atrás de Equador e Peru e, pior, perdeu duas posições em relação ao ano anterior.

Não dá para dizer que nada tenha melhorado nas últimas três décadas. Entre 1990 e 2022, a expectativa de vida do brasileiro aumentou 7,4 anos, a expectativa de escolaridade subiu 2,7 anos, e o PIB *per capita* saltou 44,3%. Mas a média mundial tem subido em ritmo comparável. Portanto o Brasil precisa acelerar e, para isso, estabelecer objetivos claros e ter senso de urgência.

A atitude exigida é a oposta da encontrada no Congresso. Tome-se a educação, fator responsável pela perda de posições do Brasil no IDH. Enquanto os parlamentares demoram a fazer os ajustes necessários para implementar a reforma do ensino médio, aprovada em 2017, elegem para presidir a Comissão de Educação da Câmara um deputado novato que, embora tenha recebido mais de 1 milhão de votos, já deu repetidas provas de que só está interessado em temas capazes de despertar engajamento nas redes sociais e em alimentar a polarização ideológica. Obviamente não está à altura de cargo tão importante para elevar o desenvolvimento humano brasileiro.

O relatório com os resultados do IDH divulgado nesta semana aponta a polarização política como barreira para avanços nos campos doméstico e internacional. Visões de grupos específicos com potencial de causar danos ou ondas de repúdio na sociedade diminuem a chance de sucesso dos objetivos compartilhados pela maioria. O movimento contra o uso de máscaras e das vacinas durante a pandemia são exemplos nítidos do que não deveria acontecer.

Políticas nas áreas de educação e saúde costumam levar décadas para surtir efeitos duradouros. Por isso os dados do IDH devem ser analisados em prazos mais longos. Em 2022, o Brasil interrompeu uma sequência de dois anos de queda do IDH, mas o indicador ainda está abaixo do que era antes da pandemia. Recuperar a trajetória ascendente exige da classe política um pacto para mudar o Brasil de patamar. Os brasileiros merecem ter a capacidade e a oportunidade para ser o que quiserem.

Educação profissional é caminho para reverter abandono do ensino médio

Principal razão para evasão escolar é dificuldade de conciliar estudo e trabalho, diz pesquisa

Quase 10 milhões de jovens entre 15 e 29 anos (20% da população nessa faixa etária) não estudavam nem haviam concluído a educação básica em 2022, segundo o IBGE. A explicação mais dada para o abandono é a dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Ela foi citada por 41% — ou 48% daqueles entre 15 e 19 anos — técnicos entrevistados na pesquisa Juventudes Fora da Escola, realizada pelo Datafolha para a Fundação Roberto Marinho e o Itaú Educação e Trabalho. Outro motivo correlato — a necessidade de receber auxílio financeiro mensal — foi mencionado por 35%.

Ao delinear os problemas que levam à evasão escolar, a pesquisa aponta para as principais questões que devem ser tratadas por políticas públicas. A maioria dos jovens entrevistados (69%) trabalha no mercado informal e vive com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo (78%). Cedo ou tarde, o estudante que abandona a escola para trabalhar percebe que a falta de instrução o coloca nas faixas inferiores da pirâmide salarial. Por isso 73% afirmam ter intenção de concluir a educação básica. Para 37%, o objetivo é "encontrar emprego ou ter um emprego melhor". Para 28%, cursar a faculdade. E 56% dizem que se matriculariam num curso técnico ou profissionalizante. O ensino noturno é a opção preferida por 62%, deixando implícito o desejo de conciliar trabalho e escola. "A gente vem de uma tradição que dissocia o trabalho do estudo, o que é um erro", afirma Rosalina Soares, assessora de Pesquisa e Avaliação da Fundação Roberto Marinho.

A reforma do ensino médio que está parada no Congresso procura, acertadamente, dar ênfase à formação profissional. Aprová-la deveria ser a prioridade de qualquer governo realmente preocupado com o desenvolvimento do Brasil. Em vez de acelerá-la, o governo federal decidiu lançar o programa Pé-de-Meia, uma espécie de bolsa para o ensino médio. Na matrícula, o aluno recebe R$ 200. A depender de frequência e rendimento escolar, os benefícios anuais podem chegar a R$ 3 mil (ou R$ 9.200 ao final do ensino médio). É uma medida correta, mas insuficiente para trazer de volta o jovem há muito tempo fora da escola. Para Rosalina, o valor pago deveria ser maior.

Outra dificuldade que leva alunas a largar os estudos é a falta de creche onde deixar os filhos, razão mencionada por 32% dos entrevistados. A construção de creches costuma fazer parte das plataformas de governo de prefeitos e governadores, mas a carência persiste. Investir nas creches, abrir cursos noturnos e apostar na vertente profissionalizante da reforma do ensino médio são as medidas mais eficazes para resgatar o jovem que abandonou os estudos.

Artigos

oglobo.globo.com/opinion/
cartas@oglobo.com.br

MERVAL PEREIRA

blogs.oglobo.globo.com/merval-pereira
editoria.artigos@oglobo.com.br

O autogolpe

Diz a lenda que o presidente deposto João Goulart deu uma gargalhada quando soube que o Marechal Castelo Branco o substituiria na presidência da República depois do golpe militar de 1964. Castelo Branco teria garantido apoio a Goulart dias antes. Estará o ex-presidente Bolsonaro rindo hoje, ou chorando de raiva, ao tomar conhecimento dos depoimentos à Polícia Federal dos militares quatro estrelas sobre a tentativa de golpe?

De minha parte, fiquei contente de saber que pelo menos os comandantes do Exército e da Aeronáutica reagiram às propostas de golpe ameaçando prender Bolsonaro, no caso do General Freire Gomes, ou classificaram a ideia de ilegal, no caso do Brigadeiro Baptista Junior, que deixou atônito o General Augusto Heleno ao afirmar que não concordaria com um golpe de Estado.

Sessenta anos separam os dois fatos históricos, e tudo indica que o atual terá o final que o outro não teve. Seja por incapacidade de organização dos neogolpistas, seja por falta de apoio da sociedade civil. Já é inédito, e por isso mesmo impressionante, o fato de que militares de quatro estrelas nos ombros estejam sendo interrogados pela Polícia Federal sobre a tentativa de golpe, e o desfecho parece já delineado. Não haverá anistia.

A negociação para a anistia política recíproca no final da ditadura militar foi a melhor saída naquele momento, mas deixamos para trás um rastro que ainda hoje machuca a nação, ao contrário de países vizinhos, que resolveram suas questões no devido tempo. Somos assim mesmo, várias decisões são tomadas fora de seu tempo, parecem boas soluções naquele momento, mas cobram mais tarde a consequência.

A anistia foi assim, a reeleição foi assim, o fim da Lava-Jato foi assim, a tolerância com Bolsonaro foi assim. Vamos acumulando dívidas do passado para resolver num futuro que nunca chega. Desta vez, tudo indica que será diferente. Teremos prisões de alto coturno, que servirão de exemplo para futuras aventuras golpistas, o que provavelmente não teria acontecido agora se tivéssemos acertado as contas de nosso passado recente.

> ***Teremos prisões de alto coturno, que servirão de exemplo para futuras aventuras golpistas***

Mas é interessante constatar que o ambiente golpista no meio militar, apesar de toda a incitação feita pelo próprio presidente da República, não encontrou eco no oficialato, ou, pelo menos, na maioria dele. Pelos relatos dos envolvidos, fica claro que um grupo de oficiais assumiu postos de comando no novo governo já com o objetivo de criar um ambiente golpista.

Não foi à toa, portanto, que a figura do "autogolpe" surgiu ainda durante a primeira campanha, em 2018. Já pairava sobre os militares reunidos em torno da candidatura Bolsonaro a ideia de que eles poderiam estar ali para permanecer no poder pelo tempo necessário a seus desígnios. Enquanto vendiam a ideia de que estavam no governo para conter prováveis excessos de Bolsonaro, estavam preparando o terrenos para o golpe.

Na verdade, a viabilidade da candidatura de Bolsonaro pareceu aos militares nela envolvidos, capitaneados pelo General Vilas Boas, a oportunidade para uma volta ao poder em grande estilo. Mesmo no início da campanha, já havia uma espécie de bunker onde atuavam os militares que davam suporte ao esquema de Bolsonaro.

O intrigante nessa trama é como um oficial despreparado, rústico, lunático, pôde convencer tantos militares de quatro estrelas a seguirem sua liderança, apesar de seu histórico de mau soldado e político de quinta categoria. Os que se deixaram seduzir pelos salários, pelo poder, pelos delírios de um sociopata, mostraram-se indignos das fardas que vestiam.

GRUPO GLOBO

Princípios editoriais do Grupo Globo: http://gle.bo/pri_edit

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: João Roberto Marinho
VICE-PRESIDENTES: José Roberto Marinho e Roberto Irineu Marinho

O GLOBO
é publicado pela Editora Globo S/A.
DIRETOR-GERAL: Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: Alan Gripp
EDITORES EXECUTIVOS: Leticia Sander (Coordenadora), Alessandro Maia, André Vieira da Fábula Barbosa, Luiza Bapteista e Paulo Celso Pereira
EDITOR DO IMPRESSO: Miguel Caballero
EDITOR DE OPINIÃO: Helio Gurovitz
Rua Marquês do Pombal, 25 - Cidade Nova - Rio de Janeiro, RJ
CEP 20.230-240 - Tel: (21) 2534-5000 Fax: (21) 2534-5535

EDITORES
Política e Brasil: Thiago Prado - thiago.prado@oglobo.com.br
Rio: Rafael Galdo - rafael.galdo@oglobo.com.br
Economia: Luciana Rodrigues - luciana.rodrigues@oglobo.com.br
Mundo: Leila Suwiten - leila.suwiten@sp.oglobo.com.br
Saúde: Ariberto Dias Lopes - ariberto.dias@sp.oglobo.com.br
Segunda Caderno: Marcelo Dantas - dantas@oglobo.com.br
Esportes: Thales Machado - thales.machado@oglobo.com.br
Fotografia: André Sarmento - asarmento@oglobo.com.br
Home e redes sociais: Tiago Dantas - tiago.dantas@oglobo.com.br
Audiência: Caroline Goulart - gad@oglobo.com.br
Acervo e Pesquisa: William Fidal Filho - william@oglobo.com.br

SUPLEMENTOS
Boa Viagem: Marcelo Batista - batista@oglobo.com.br
Rio Show: Inês Amorim - ines@oglobo.com.br
E.a.T: Ana Caruso - ncaruso@oglobo.com.br
Bairros: Viktor Calmon Filho - mailcrm@oglobo.com.br

SUCURSAIS
Brasília: Thiago Bronzatto - thiago.bronzatto@bsb.oglobo.com.br
São Paulo: Renato Andrade - renato.andrade@sp.oglobo.com.br

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
www.portaldoassinante.com.br ou, pelos telefones: 4002-5300 (capitais e grandes cidades) 0800-0218433 (demais localidades)
WhatsApp: 21 4002 5300
Telegram: 21 4002 5300

ASSINATURA MENSAL
com débito automático no cartão de crédito
ou débito automático em conta-corrente
(preço de seguinte a domicílio)
(para RJ, MG, SP e ES: R$ 169,90)
(O Globo não faz cobranças em domicílio)

VENDAS EM BANCA
Dias úteis: RJ, SP, MG e ES: R$ 6,00
Demais qs: RJ, SP, MG e ES: R$ 10,00
Carga tributária aproximada de 20%

O GLOBO não aceita em capitais para cobranças de muito ou nenhuma da assinatura. Desconfiem qualquer contato a respeito desses temas. Para ser O GLOBO sem sair pelas de casa, acesse para vendas@oglobo.com.br

FALE COM O GLOBO:
Geral (21) 2534-5000 Classifone (21) 2534-4333
Assinaturas 4002-5300 ou oglobo.com.br/assine

AGÊNCIA O GLOBO DE NOTÍCIAS: Venda de notícias: (21) 2534-5501 Banco de imagens: (21) 2534-5777
Pesquisa: (21) 2534-5201

PUBLICIDADE Notícias: (21) 2534-4300 Classificados: (21) 2534-4333 Jornais de Bairro: (21) 2534-4350 Missas, religiosos e funerais: (21) 2534-4033 Plantão nos fins de semana e feriados: (21) 2534-5150

FSC
Carbon Free